

METODOLOGIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA (COVID-19): UMA ANÁLISE EM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS DA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO, EXTREMO NORTE DO TOCANTINS

METHODOLOGIES AND TECHNOLOGIES IN HIGHER EDUCATION IN TIMES OF PANDEMIC (COVID-19): AN ANALYSIS IN PUBLIC AND PRIVATE INSTITUTIONS OF THE PARROT BEAK REGION, FAR NORTH OF TOCANTINS

Eneila de Cassia Maia Ferreira

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
eneila_maia@outlook.com.

Guilherme Oliveira da Silva

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
gui-bio@hotmail.com.

Mauro Torres Siqueira

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
torres.siqueira@mail.uft.edu.br.

Resumo. A pandemia de COVID-19 disseminada através do vírus SARS-CoV-2 tem causado diversas mudanças em todos os segmentos, dentre eles o educacional. Medidas de prevenção baseadas no distanciamento físico, isolamento/fechamento de locais públicos e restrição de aglomerações humanas representou um grande desafio para a continuidade da prática educacional nas redes públicas e privadas, em todos os níveis, da escola a graduação em todo o mundo. A necessidade repentina do fechamento das escolas e universidades a princípio propiciou um cenário de incertezas, seguido de uma tentativa de reestabelecer as práticas pedagógicas por todo o planeta, de modo a não expor a saúde de estudantes e professores, mas dando continuidade ao processo ensino e aprendizagem. Esse retorno encontrou uma série de desafios referente às desigualdades sociais no Brasil e no mundo. O presente artigo apresenta dados coletados em 04 (quatro) instituições de ensino superior, nos municípios de Araguatins-TO e Augustinópolis-TO, cidades localizadas no extremo norte do Tocantins, na região do Bico do Papagaio sobre a prática pedagógica durante a pandemia. Devido a pandemia da COVID-19, por medida de segurança, as instituições de ensino superior tiveram que substituir o ensino presencial pelo ensino de forma remota e têm sofrido grandes impactos em sua organização pedagógica em consequência do isolamento imposto pela pandemia. Os resultados da pesquisa, evidenciaram a necessidade de políticas institucionais relacionadas a formação de professores e a políticas de apoio aos estudantes.

Palavras-chave. Território. COVID-19. Ensino Remoto. Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.

Abstract. The COVID-19 pandemic spread through the SARS-CoV-2 virus has caused several changes in all segments, including the educational one. Prevention measures based on physical distancing, isolation/closing of public places and restriction of human agglomerations represented a major challenge for the continuity of educational practice in public and private networks, at all levels, from school to graduation worldwide. The sudden need to close schools and universities at first provided a scenario of uncertainty, followed by an attempt to reestablish pedagogical practices throughout the planet, so as not to expose the health of students and teachers, but continuing the teaching and learning process. This return found a number of challenges related to social inequalities in Brazil and in the world. This article presents data collected in 04 (four) higher education institutions, in the municipalities of Araguatins-TO and Augustinópolis-TO, cities located in the extreme north of Tocantins, in the Region of Bico do Papagaio on pedagogical practice during the pandemic. Due to the COVID-19 pandemic, as a security measure, higher education institutions had to replace face-to-face education with teaching remotely and have suffered major impacts on their pedagogical organization as a result of the isolation imposed by the pandemic. The results of the research showed the need for institutional policies related to teacher education and policies to support students.

Keywords. Territory. COVID-19. Remote Teaching. Digital Information and Communication Technologies.

INTRODUÇÃO

Diante do atual cenário pandêmico da doença Covid-19, os desafios propostos a professores e estudantes são diversos. As medidas de proteção e controle do vírus SARS-CoV-2, baseadas no distanciamento físico e controle de aglomerações de pessoas criaram um cenário que acarretou em mudanças na prática educativa mundial. Essas mudanças foram ocasionadas também nas dimensões sociais dos diferentes espaços e territórios brasileiros.

Desde o início desse período, professores buscam novas metodologias educacionais através de ferramentas que possibilitem atingir os objetivos propostos e garantirem uma aprendizagem significativa aos estudantes. Concomitante a essas mudanças evidenciaram-se mais ainda as grandes lacunas sociais brasileiras no âmbito da educação e disponibilização das suas ferramentas. Conforme aponta Stevanim (2020) a respeito dos dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil do ano de 2019, temos um total de 4,8 milhões crianças e jovens (grupos mais afetados pelo fechamento de instituições de ensino básico e superior) que não tem acesso à internet nas residências. Dentre o acesso à Internet dos jovens brasileiros, 58% é feito por dispositivos móveis, em geral o celular, que apresentam restrições de tamanho, ergonomia entre outros fatores que podem dificultar a realização de tarefas e atividades relacionadas ao ensino remoto.

A Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 27 de março de 2020 discutiu em seu segundo webinar, a educação em época da pandemia COVID-19. No seminário, que ocorreu de forma virtual, discutiu-se alternativas para garantir a continuidade do processo de ensino-aprendizagem diante do cenário pandêmico que o mundo está vivenciando. De acordo com dados expostos no webinar, cerca de 63 milhões de professores de 165 países foram afetados pela COVID-19. Dentre as pautas debatidas, a conferência expos assuntos pertinentes a essa mudança, como capacitação e apoio aos professores e as dificuldades de ofertar aulas remotas em áreas rurais ou distantes dos centros urbanos por falta ou dificuldade de acesso à Internet ou outros meios digitais (UNESCO, 2020).

Diante do atual cenário, que vem se prolongando desde março de 2020, alguns questionamentos estão sendo feitos por cientistas, governos, gestores, professores e sociedade em geral acerca do modelo educacional capaz de substituir aulas presenciais. De acordo com a UNESCO (2020), a pandemia causada pela COVID-19 afetou mais de 90% dos estudantes no mundo. Escolas, institutos de tecnologia e instituições de ensino superior inicialmente

encerraram suas aulas e posteriormente foram retornando-as gradativamente através do ensino remoto.

É importante ressaltar que o ensino remoto se difere da modalidade de Educação a Distância (EaD). No ensino remoto, dentre os diversos recursos disponíveis, é possível, por exemplo, a utilização de ferramentas como: *Google meet*, *Zoom*, *Classroom*, ambientes virtuais de aprendizagem, *google forms* e *youtube*. A tecnologia deve ser utilizada como ferramenta de interação entre a instituição e o estudantes. De acordo com o Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, a EaD, em seu art. 1º diz que:

“... a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017, p.1).

E seja qual for a modalidade utilizada, a viabilidade e eficácia da mesma esta ligada ao território e o contexto social que os professores e estudantes estão inseridos. Quanto mais distante dos grandes centros ou regiões privilegiadas com infraestrutura urbana e social, serviços públicos, entre outros, menos a eficiência na execução de metodologias emergenciais da educação durante a pandemia da Covid-19. Questões básicas para implantação de qualquer uma das modalidades de ensino, como a implementação de acesso a computadores com acesso à Internet, não serão prioridades em espaços de profunda desigualdade social (BARBOSA; CUNHA, 2020).

É necessário a criação de políticas públicas que atendam às necessidades dos menos favorecidos. Essa necessidade aumenta exponencialmente em um período pandêmico como o vivido a partir do ano de 2020. Além da disponibilização de meios físicos e digitais emergenciais de ensinagem, é necessário entender que os atores do processo educacional precisam ser capacitados para o uso das mesmas. Silva, Petry e Uggioni (2020) discorrem que no uso de plataformas digitais é necessário a figura de um professor mediador e de um estudantes de postura ativa. Diferente da atividade presencial em sala de aula, esta nova interação pede ao professor e estudantes uma atitude proativa.

É importante entender que o desenvolvimento tecnológico não ocorreu ou ocorre de forma homogênea nos territórios, posto o seu vínculo à lógica geográfica de concentração e dinâmica do capital. Portanto, as condições concretas de comunicação, deslocamento e reclusão dos indivíduos estão sendo seletivas, como sempre foram, conforme rege o capital. Assim, mesmo no atual momento de crise econômica e sanitária mundial, os mais impactados são os

mesmos que anteriormente foram vítimas das desigualdades sociais, os indivíduos dos grupos que não detêm o capital (FILHO; ANTUNES; COUTO, 2020).

Conforme aponta Arruda (2020), as regiões brasileiras com maiores níveis de pobreza são as regiões Norte e Nordeste e conseqüentemente estas são as regiões com menor contabilização de acesso à Internet por estudantes. As regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste apresentam ligeiro destaque em relação às demais na totalização das estatísticas de acesso à Internet e equipamentos de uso dessa tecnologia. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2018) demonstra que a região Norte possui apenas 65% de acesso a Internet na população de estudantes de escolas públicas acima de 10 anos, e a região nordeste 73%.

O Tocantins, Estado brasileiro mais novo da federação, localizado na região Norte do país, apresenta uma área territorial de total de 277.423,630 m² dividido em 139 municípios (IBGE, 2020), e uma população com uma composição étnico/multicultural de um misto de nativos do antigo norte goiano e migrantes de diversas localidades do país e do mundo. O Estado apresenta uma comunidade escolar bastante diversificada composta de estudantes das áreas urbanas, de comunidades sociais rurais como assentados, indígenas e quilombolas (ROCHA et al, 2020) e ribeirinhos (BRITO, 2018).

O recorte espacial deste trabalho leva em conta as características da região norte do país, o fato do Estado ser o mais recente da federação e, portanto, o que mais demorou constituir uma organização política e a receber as benesses das políticas de infraestrutura social discutidas e promovidas pelo Estado Brasileiro.

O recorte também foca nas características da Região do Bico do Papagaio, foco do estudo. A microrregião territorial está inserida na Amazônia Legal e faz parte da tríplice fronteira entre os estados do Tocantins, Pará e Maranhão com uma área de 15.767,97 Km², localizada no extremo norte do Estado, a margem direita do Rio Araguaia e margem esquerda do Rio Tocantins. A região apresenta baixo e médio Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) nos seus municípios segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2010 (IBGE, 2010). Apresenta ligação com duas grandes rodovias brasileiras, um histórico de disputa por territórios, intensa atividade agrícola e tem em sua área comunidades urbanas, rurais, posseiros, assentados, colônias de pescadores, quilombo e terras indígenas demarcadas. As instituições de ensino superior existentes na região atendem, além dessa população, uma série de estudantes dos Estados do Pará e Maranhão. Os municípios escolhidos para o levantamento dos dados foram Araguatins e Augustinópolis, por apresentarem localização estratégica entre as divisas dos Estados do Pará e Maranhão, estarem nas proximidades das rodovias Belém-Brasília e

Transamazônica, exercerem papel de polo comercial para os municípios vizinhos e serem polos educacionais no extremo norte do Estado do Tocantins.

Assim, a diversidade do território, a grande quantidade de estudantes de comunidades rurais e ribeirinhas, o contexto da pandemia da Covid-19, a existência de instituições de ensino superior públicas e privadas na região, a localização estratégica da mesma e as inúmeras publicações avaliando a prática educativa no ensino básico brasileiro nos levou a indagar como de fato estão ocorrendo as práticas pedagógicas no ensino superior.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida nos municípios de Araguatins-TO e Augustinópolis-TO, localizados no extremo Norte do Estado do Tocantins, região do Bico do Papagaio, que de acordo com IBGE (2010) pertencem a Região Geográfica intermediária que se articula com a Região Imediata de Araguaína.

O município de Araguatins-TO, está localizado às margens da Rodovia Transamazônica e às margens do Rio Araguaia e é um território fronteiro com o sul dos estados do Pará e do Maranhão. De acordo com IBGE (2020), o município possui uma área territorial de 2.621,877 km² e uma população total no ano 2010 de 31.329 habitantes (IBGE, 2010) e a população estimada para o ano de 2020 de 36.170 habitantes (IBGE, 2020). O Índice de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM) registrado no município no Censo Demográfico de 2010 é de 0,631, considerado Desenvolvimento Médio (0,600 a 0,699) (BRASIL, 2020).

O município possui em seu território 01 comunidade de remanescentes quilombolas e 32 programas de assentamentos rurais, além de uma colônia de pescadores. Araguatins possui 02 instituições de ensino superior públicas e 01 instituição de ensino superior privada. Além destas instituições, no município, possui 04 polos de EaD, pertencente a rede privada que ofertam o ensino superior e 01 polo EaD que oferta cursos UAB. Dados do Brasil (2010) e IPEA (2012) indicam que apenas 7,29% da população do município de Araguatins-TO com idade acima de 25 anos concluíram o ensino superior.

O município de Augustinópolis, localizado a 34 quilômetros de Araguatins, estando na rota de acesso e ligação as Rodovias Transamazônica e Belém-Brasília e na região fronteira entre os Estados do Pará e Maranhão, possui, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), uma população total de 15.950 (quinze mil, novecentos e cinquenta) habitantes com uma densidade populacional de 40,38 hab/km² com estimativa de 18.643

(dezoito mil, seiscentos e quarenta e três) habitantes em 2020 e contabilizados 15.950 habitantes no Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2020). O Índice de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM) registrado no município no Censo Demográfico de 2010 é de 0,670, estando também na faixa de desenvolvimento médio. Na educação, considerando população de 25 anos ou mais de idade no município apenas 5,82% possuíam o ensino superior completo (BRASIL, 2020). O município apresenta 6 projetos de assentamentos. Conta uma 01 instituição de ensino superior pública e 01 instituição de ensino superior privada, além de 02 polos EaD da rede privada.

A pesquisa realizada foi de caráter descritivo, quanti-qualitativo, desenvolvida a partir de relatos a respeito das mudanças repentinas nas estratégias de ensino utilizadas pelos professores, que ocorreram no ano letivo de 2020, frente ao atual cenário em decorrência da pandemia (COVID-19). A pesquisa busca descrever as estratégias utilizadas pelos professores no período de isolamento social.

Para o desenvolvimento desta pesquisa adotou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica sobre a temática abordada e a aplicação de um questionário *on line*, contendo 18 questões, nos meses de janeiro e fevereiro de 2021 para professores de 04 (quatro) instituições de ensino superior, sendo 02 (duas) da rede pública e 02 (duas) da rede privada, localizadas no extremo norte da região conhecida como Bico do Papagaio. Utilizou-se para aplicação do questionário o *software Google forms* e o aplicativo *whatsapp* para envio do *link* aos professores. No total 35 (trinta e cinco) professores responderam ao questionário.

Os dados coletados são referentes aos professores que atuaram nas instituições de ensino superior no ano letivo 2020, nos municípios de Araguatins-TO e Augustinópolis-TO. O contato se deu através dos grupos de professores das Instituições de Ensino Superior (IES) após consentimento das coordenações de curso e de forma individualizada. Os respondentes, antes de terem acesso ao questionário assinalaram, através de um termo de aceite, a autorização do uso dos dados coletados para fins de divulgação científica. Para o tratamento dos dados utilizamos o editor de planilhas *Microsoft Excel 2019*, foram transcritos em seguida para facilitar a análise e interpretação.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os tópicos pesquisados estão relacionados ao conhecimento e domínio dos professores em relação às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC's), se as instituições de ensino superior promoveram capacitação para utilização em atividades remotas, dificuldades

em relação às ferramentas educacionais utilizadas nas atividades remotas, avaliação da qualidade do ensino remoto, estratégias utilizadas para os estudantes ausentes nas aulas e se os objetivos educacionais propostos foram alcançados utilizando aulas remotas.

A tabela 1 demonstra a instituição e a que rede os professores pertencem, local de trabalho e quantitativo de professores no ano de 2020 de cada instituição.

Tabela 1 – Quantitativo de professores por instituição.

INSTITUIÇÃO	REDE	LOCAL	QUANTIDADE DE PROFESSORES	CURSOS OFERTADOS
A	Pública	Araguatins	25	Licenciatura em Pedagogia
				Licenciatura em Letras
B	Privada	Araguatins	13	Licenciatura em Pedagogia
				Licenciatura em Letras
				Bacharelado em Administração
C	Pública	Augustinópolis	51	Bacharelado em Direito
				Bacharelado em Enfermagem
				Bacharelado em Ciências Contábeis
				Bacharelado em Direito
D	Privada	Augustinópolis	28	Bacharelado em Enfermagem
				Bacharelado em Ciências Contábeis
				Tecnólogo em Gestão do Agronegócio

Fonte: Dados coletados pelos autores, 2021

Na tabela 2, apresentaremos as instituições pesquisadas, o quantitativo de professores em cada instituição e o quantitativo de sujeitos pesquisados por instituição de ensino.

Tabela 2 – Percentual de sujeitos

INSTITUIÇÃO	QUANTIDADE DE PROFESSORES	QUANTIDADE DE PESQUISADOS	PERCENTUAL (%)
A	25	13	52
B	13	09	69,2
C	51	05	9,8
D	28	08	28,6
Total	117	35	29,9

Fonte: Dados coletados pelos autores, 2021

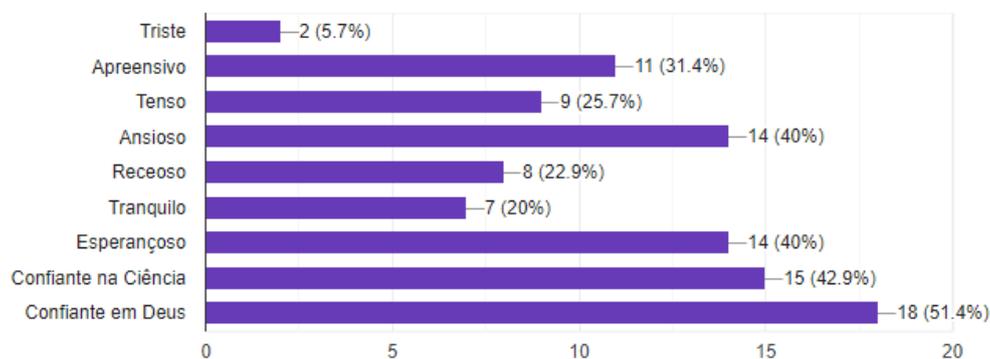
Dos 117 professores das instituições de ensino superior pesquisadas, 35 professores responderam ao questionário, o que equivale a 29,9% do total de professores atuantes nas 04 instituições de ensino superior localizadas nos municípios de Araguatins – TO e Augustinópolis - TO.

Considerando as respostas dos professores, 63% são do sexo feminino e 37% do sexo masculino. Em relação ao estado civil dos sujeitos pesquisados, 31,4% responderam que não são casados, 54,3% responderam que são casados, 8,6% são divorciados e 5,7% marcaram outro.

Quando questionados sobre fazerem parte de grupo de risco e/ou residirem com alguém do grupo de risco em relação à Covid-19, 65,7% responderam dos sujeitos pesquisados responderam não ser do grupo de risco e 34,3% declaram pertencer ao grupo de risco. Do total de sujeitos pesquisados, 82,4 % afirmaram terem sido diagnosticados com covid-19 e 17,6% responderam que não.

A figura abaixo demonstra como os professores se sentiram emocionalmente nesse período. Nesse questionamento, os professores puderam optar por mais de uma alternativa.

Figura 1 - Emocionalmente, como você tem se sentido?



Fonte: Dados coletados pelos autores, 2021

Quando questionado a respeito do estado emocional podemos observar que apenas 5,7% se sentem tristes e 31,4% se sentem apreensivos diante do atual cenário pandêmico. No entanto, 40% se sentem ansiosos e 22,9% receosos. Observa-se a partir do gráfico apresentado que em sua maioria, os professores se sentem esperançosos, confiantes na ciência e que 51,4% dos professores estão confiantes em Deus.

Dados de uma pesquisa realizada em 23 países pela Ipsos: estudo de mercado que ouviu 18. 829 adultos, confirmam os índices apresentados na pesquisa, quando os 51,4% dos sujeitos pesquisados disseram ser confiantes em Deus. O resultado da pesquisa foi publicado em 23 de abril de 2011 pela BBC News, onde aponta que o Brasil é o 3º país onde as pessoas mais creem em Deus.

Diante do atual cenário, é necessário que se estabeleça as relações sociais de forma contínua, que a resiliência e solidariedade sejam estimuladas diariamente entre professores e estudantes. Não se pode deixar de lado que saúde física e mental são fundamentais nesse processo. De acordo com Maia e Dias (2020) é importante nesse atual cenário prevenir os altos níveis de ansiedade, de estresse e depressão que o isolamento social provoca.

Com relação a como os professores avaliam o seu trabalho durante o período de atendimento remoto, 2,9% responderam que ficaram muito satisfeito, 77,1% se consideram satisfeitos, 14,3% responderam estarem poucos satisfeitos e 5,7% se consideram insatisfeitos com o trabalho realizado durante o período pandêmico no ano de 2020. Nesse sentido, percebe-se que há um índice de 20% dos professores que avaliaram seu trabalho como pouco satisfeitos ou insatisfeitos.

Nesse período, de acordo com as respostas foi necessário uma maior diversificação de estratégias de ensino. A pandemia da COVID-19 trouxe para esses professores a necessidade de desenvolver competências e habilidades para o exercício da prática docente com as mais diversas ferramentas tecnológicas educacionais para a realização das ações desenvolvidas de forma remota.

Modelski, Giraffa e Casartelli (2019, p. 6) ressaltam a importância das TDIC's na prática docente na contemporaneidade e afirmam que:

[...] o papel de um professor, pensado como transmissor de informação, no contexto atual, deixa de fazer sentido, porque as necessidades são outras. Dessa forma, a formação professor, seja ela inicial ou continuada, necessita da articulação das necessidades do contexto social às práticas pedagógicas. Trata-se de uma articulação que envolve competências relacionadas ao uso das TD [Tecnologias Digitais].

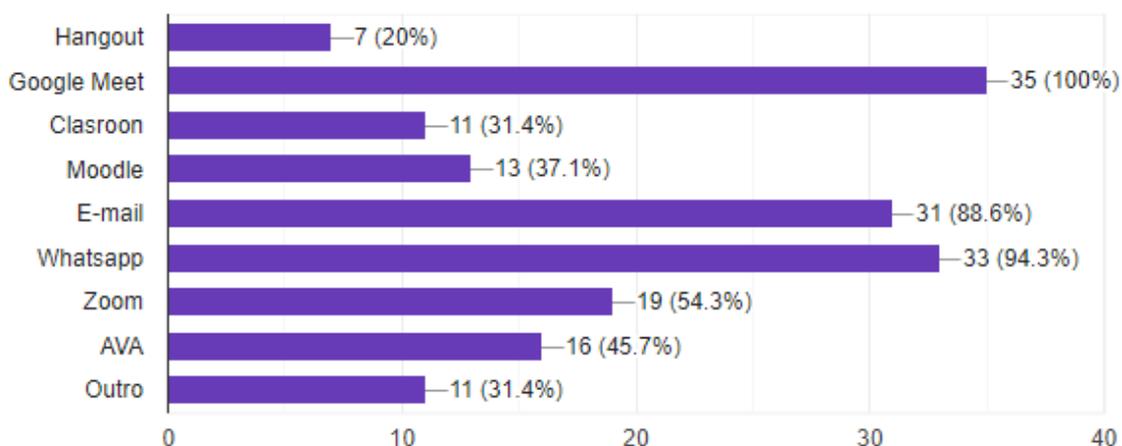
Quando os sujeitos da pesquisa foram indagados se possuíam conhecimento de TDIC's para realizar com agilidade as atividades remotas, 71,4% responderam ter

conhecimento de diversas ferramentas educacionais e 28,6% disseram que não, não dominam o uso das tecnologias. Nesse sentido, percebe-se que mesmo na atualidade onde a utilização de ferramentas educacionais é um fator que possibilita agregar na diversificação de metodologias educacionais e consequentemente auxiliar no processo ensino-aprendizagem, ainda há professores que possuem dificuldades quando se trata da utilização de TDIC's. A partir dos indicadores apresentados, ficou evidente que alguns professores apresentam algumas limitações quanto ao uso de TDIC's e diante desta evidência é necessário refletirmos quanto aos espaços de formação desses sujeitos, com intuito de buscar novas estratégias que possibilitem novas práticas pedagógicas.

Mesmo apresentando um alto índice de professores que não dominam algum tipo de ferramenta digital, alguns professores expuseram ser importante manter o contato com os estudantes, mesmo de forma remota e não interromper o processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, Arruda (2020, p. 264) afirma que: “estar longe da escola, mas em contato cotidiano com as suas ações pedagógicas é menos danoso do que não estar em qualquer contato com a escola ao longo de muitos meses de confinamento”. Sem esse contato, as instituições de ensino estariam ainda mais fragilizadas e as desigualdades sociais aumentariam em larga escala.

Ainda em consonância com os questionamentos anteriores, quando indagados sobre as ferramentas educacionais que dominam, pode-se observar que existe uma grande diversidade de ferramentas utilizadas pelos professores. Nesse questionamento os sujeitos poderiam escolher mais de uma opção. Observar figura 2.

Figura 2 – Ferramentas educacionais utilizadas nas aulas remotas



Fonte: elaborada pelos autores, 2021

A instituição A e C, mesmo possuindo a plataforma Educ@, a qual as instituições utilizam da possibilidade de ofertar até 40% do ensino através da educação a distância (EaD)

no modelo presencial, no período da pandemia passou a utilizar outros tipos de ferramentas, como por exemplo, o *Google meet*.

Questionados sobre quais as maiores dificuldades encontradas em relação as metodologias educacionais, durante o período em que desempenharam suas atividades em *home office* no ano de 2020, imposto pela pandemia, 25,7% dos sujeitos pesquisados, informaram terem dificuldades em relação ao horário de trabalho, 17,1% informaram ser a utilização das ferramentas educacionais, 42,9% responderam ser a infraestrutura e equipamentos tendo em vista que não se deslocavam até as instituições de ensino na qual trabalham e 31,4% informaram não terem nenhuma dificuldade. Vale ressaltar que neste questionamento, os sujeitos da pesquisa poderiam optar por mais de uma alternativa. Em relação ao alto índice de dificuldades ao horário de trabalho, é necessário que o professor estabeleça uma rotina de trabalho, de forma que cumpra com suas atribuições, como por exemplo, o cumprimento de horário de forma que consiga planejar e atender seus estudantes, além de buscar formações em TDIC's que auxiliem na prática pedagógica.

Diante do cenário pandêmico, os professores foram indagados se a instituição a qual são vinculados promoveram capacitação para os professores desenvolverem as atividades remotas. Dos sujeitos pesquisados, 80% responderam que sim, receberam capacitação e 20% responderam que não. Ainda em relação a capacitação, os professores foram questionados se em algum momento optaram por buscar outros tipos de capacitação, 57,1% dos sujeitos afirmaram que sim, 42,9% responderam que não. Levando-se em consideração as capacitações que realizaram, os professores informaram que houve necessidade de aperfeiçoamento em ferramentas educacionais como *Zoom*, ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), *Google meet* e *Youtube*.

“[...] as carreiras profissionais também estão se revisando com base nas novas exigências que lhe são feitas, em razão de toda essa mudança que vivemos atualmente: formação continuada dos profissionais, bem como novas capacitações, por exemplo, adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia, comunicação, iniciativa, cooperação”. (MASETTO 2003, p. 14)

O alto índice de professores que não buscaram capacitação retrata que mesmo na atualidade, estes, utilizam de práticas pedagógicas tradicionais no processo de ensinagem.

Durante o ano de 2020, professores enfrentaram muitos desafios diante do atual cenário educacional e da necessidade de novas adaptações. Levando em consideração fatores diversos, os professores pesquisados avaliaram que mediante as dificuldades existentes e adaptação de novas metodologias no ensino remoto, 88,6% avaliaram como satisfatória as aulas ministradas de forma remota e 11,4% pouco satisfatório.

Em relação as estratégias utilizadas para os estudantes ausentes de suas aulas remotas, 17,1% dos professores informaram não terem utilizado estratégia nenhuma para que os estudantes participassem das aulas, 62,9% informaram que utilizaram material impresso e/ou digital como forma de assegurar que o estudantes não evadissem e 20% utilizaram outros tipos de recursos. Ainda em relação a não participação de alguns estudantes, os professores foram questionados sobre o que eles consideraram ser a possível causa da não participação dos estudantes faltosos. Dos sujeitos pesquisados, 71,4% atribuíram a dificuldades de acesso à Internet, 8,6% dificuldades com as tecnologias, 2,9% dificuldades com as metodologias adotadas nas aulas e 5,7% apontaram todas as opções. E nenhum respondente apontou como problema a quantidades de disciplinas ofertadas.

O alto índice atribuído a falta de acesso à Internet reflete uma realidade sobre a forma como o ensino remoto foi implantado e a desigualdade social nas instituições de ensino pesquisadas nos municípios de Araguatins-TO e Augustinópolis-TO. Embora a pesquisa não tenha sido direcionada aos estudantes, é perceptível, diante do atual cenário pandêmico, que os estudantes não tiveram condições financeiras, em tempo hábil, para contratarem serviços de Internet e/ou adquirirem celulares, computadores ou outros dispositivos que comportem configurações necessárias para o acompanhamento das aulas.

Silva e Camargo (2015, p. 180), apontam que “o acesso igualitário à tecnologia [...] um princípio fundamental para que o direito universal à educação seja assegurado” não tem sido viável para todos os professores e estudantes. Nesse sentido, no cenário do ensino superior nas instituições de ensino pesquisadas, pode se observar desigualdades pré-existentes.

Quando questionados sobre a participação dos estudantes no período das aulas remotas, 17 professores pesquisados, informaram que a ausência nas aulas por parte dos estudantes no semestre era superior a 80%. Outros 12 professores informaram que as ausências nas suas respectivas aulas eram de 20%.

Levando-se em consideração as vivências de cada professor, foi questionado se acreditavam que os objetivos educacionais institucionais com o modelo de ensino remoto atingiram os objetivos propostos no planejamento. Os dados coletados, indicam que 14,3% responderam que muito provavelmente objetivos propostos foram atingidos de acordo com o planejamento, 60% responderam que provavelmente, 22,9% informaram que é pouco provável que os objetivos educacionais tenham sido alcançados e 2,9% responderam não ter conseguido atingir os objetivos propostos.

Para Silva (2003, p.74), “por estratégia educativa, entendemos a concepção de um conjunto de decisões e ações – inteligentes e criativas – para promover a realização dos objetivos propostos e proporcionar os melhores resultados”. Uma das principais características das competências é a capacidade de proceder em situações adversas. É necessário criar estratégias que possibilitem aos estudantes desenvolverem competências e habilidades no processo de aprendizagem. Nesse sentido, entende-se que práticas pedagógicas devem ser eficazes para que se atinja os objetivos propostos no planejamento.

Estudiosos, como Anastasiou (2002); Masetto (2003), e Freire (2000), expõem que as competências didático-pedagógicas são essenciais para a docência no ensino superior. Lima e Silva (2019, p. 6) apontam que estas competências estão atreladas ao:

“Domínio de conhecimentos a serem apropriados; a articulação dos objetivos de ensino e aprendizagem aos componentes da matriz curricular; as metodologias de ensino e aprendizagem, capazes de desenvolver as habilidades; a linguagem adequada, contemplando a teoria e prática; a escolha e definição de recursos didático-pedagógicos, facilitadores da ação didática; bem como, um processo avaliativa de ensino com instrumentos e critérios claros e processuais.”

O planejamento, nesta perspectiva, só é eficaz quando se fundamenta numa visão crítica acerca da prática do professor. Os processos de aprendizagem não se dão da mesma forma. De acordo com Anastasiou (2015, p.21), “a aprendizagem depende tanto do sujeito que apreende quanto do objeto de apreensão”. As metodologias a serem utilizadas pelos professores devem ser expostas de forma clara e objetiva. Nesse sentido, é necessário que o professor conheça as ferramentas disponíveis, com o intuito de proporcionar uma aula prazerosa e significativa.

CONCLUSÃO

Podemos concluir com a pesquisa realizada que as atividades remotas emergenciais desenvolvidas nos municípios pesquisados, frente ao cenário atual da pandemia da Covid-19, estão longe de serem o ideal. A necessidade imediata da continuidade do ano letivo após o fechamento das instituições de ensino esbarrou em situações de planejamento e anos de desigualdades sociais relacionadas à infraestrutura da educação na região, formação docente, discente e falta de investimento em tecnologia para a prática pedagógica.

Observa-se que as dificuldades são as mais diversas, que perpassam desde o planejamento da aula, acompanhamento do acesso aos estudantes, às metodologias utilizadas. As limitações também são inúmeras, professores e estudantes que não dominam as ferramentas digitais, falta de capacitação de professores, infraestrutura inadequada. Observou-se com a

pesquisa realizada, que os índices relacionados a falta de infraestrutura tanto por parte dos estudantes, como dos professores, são altíssimos.

É necessário propor políticas emergenciais de formação inicial e continuada de professores e alunos quanto ao uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e na disponibilização de tecnologias de baixo custo para a garantia de participação dos estudantes nas atividades do ensino remoto emergencial. Além de recursos como computadores e banda larga, é importante discutir políticas que disponibilizem recursos materiais e financeiros que permitam os alunos permanecerem em suas residências e operacionalizarem seu próprio espaço de estudo.

É evidente a necessidade de acompanhamento psicológico e social de professores e a alunos na tentativa de fortalecer as relações sociais dos mesmos diante desse período de reclusão e incertezas. A pesquisa realizada nos permitiu refletir, identificar e sentir a importância da aproximação dos estudantes e professores, entendendo que também é necessário maior investimento por parte das instituições de ensino superior aos professores e estudantes no ensino remoto.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASIOU, L. das G. C. **A ensinagem como desafio à ação docente**. Revista pedagógica – UNOCHAPECÓ, v. 4, n. 8, p. 65-77, 2002.

ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 10ª ed. Santa Catarina: Univille, 2004.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

BARBOSA, Otavio Luis; CUNHA, Paulo Giovanni Moreira da. Pandemia e a precarização do direito ao acesso à educação. **Revista Pet Economia UFES**, v. 1, n. 1, p. 33-36, 2020.

Brasil é 3º país onde mais se crê em Deus, diz pesquisa. BBC NEWS BRASIL. https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/04/110425_pesquisa_crenças_fn#:~:text=A%20pesquisa%2C%20feita%20pelo%20empresa,%25%20que%20n%C3%A3o%20tem%20certeza%22.

BRASIL. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil** 2020. http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/araguatins_to. Acesso em: 13 fev. 2021.

BRASIL. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil**. 2020. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm. Acesso em: 14 fev. 2020

BRITO, Eliseu Pereira de. Sobre os ribeirinhos tocantinenses: história resistências. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 4, n. 14, p. 33-48, 2018.

CGI.BR. Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC kids online Brasil 2019 [livro eletrônico]. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020.

FILHO, Astrogildo Luiz de França; ANTUNES, Charlles da França; COUTO, Marcos Antonio Campos. Alguns apontamentos para uma crítica da EAD na educação brasileira em tempos de pandemia. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 1, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IBGE. Censo demográfico 2010. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2010.

IBGE. CIDADES. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE; 2018.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Ipea; IBGE, 2012. https://www.ipea.gov.br/presenca/index.php?option=com_content&view=article&id=5&Itemid=13. Acesso em: 14 fev. 2021

LIMA, Francisco R.; SILVA, Jovina da. Planejamento de ensino e aprendizagem na Educação Superior: **um ato dialógico de articulação entre a teoria e a prática professor**. Revista Debates em Educação. Vol. 11, Nº. 25 Set./Dez. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6166>. Acesso: 11 fev. 2021

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 37, e200067, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>.

MASETTO, Marcos T. Docência universitária: repensando a aula. In: TEODORO, Antônio. **Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia pela curiosidade da formação universitária**. Ed. Cortez: Mackenzie, 2003.

MODELSKI, D.; GIRAFFA, L. M. M.; CASARTELLI, A. **Tecnologias digitais, formação professor e práticas pedagógicas**. Educação e Pesquisa, v. 45, p. 1-17, 2019.

ROCHA, Alexsandro Silvestre da et al. A rede escolar nas comunidades rurais assentadas, quilombolas e indígenas do Tocantins. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 5, p. e5871-e5871, 2020.

SILVA, Luiz Alessandro da; PETRY, Zaida Jeronimo Rabello; UGGIONI, Natalino. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: COMO CONECTAR PROFESSORES DESCONECTADOS, RELATO DA PRÁTICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. In. PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro. Desafios da educação em tempos de pandemia. **Cruz Alta: Ilustração**, v. 324, 2020.

SILVA, Marco (Org). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.

SILVA, R. A.; CAMARGO, A. L. **A cultura escolar na era digital: o impacto da aceleração tecnológica na relação professor-aluno, no currículo e na organização escolar**. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Org.). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

STEVANIM, Luiz Felipe. Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. **RADIS: Comunicação e Saúde**, n. 215, p. 10-15, ago. 2020.

UNESCO (2020). **Webinar Covid-19: um novo mundo para professores, trabalhadores da linha de frente da educação**. 13 de mar 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/webinar-Covid-19-um-novo-mundo-professores-trabalhadores-da-linha-frente-da-educacao>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2021

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19**. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 8 fev. 2021.

SOBRE A AUTORA E OS AUTORES

Eneila de Cassia Maia Ferreira

Administradora e Matemática. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire – UFNT/UFT.

Guilherme Oliveira da Silva

Biólogo. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire – UFNT/UFT.

Mauro Torres Siqueira

Professor Doutor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT).

Professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire UFNT/UFT.

**Recebido em julho de 2021.
Aceito para publicação em setembro de 2021.**